

VI Colóquio
*História e Arqueologia da América
Indígena*

Centro de Estudos Mesoamericanos e Andinos
Universidade de São Paulo

3, 4 e 5 de novembro de 2010



Resumos e programação

Apoio



MESA I – História indígena da Amazônia

Abertura: *A religiosidade amazoníndia na visão dos jesuítas Manuel Uriarte e João Daniel (século XVIII)*

Auxiliomar Silva Ugarte (asugarte@bol.com.br) – Universidade Federal do Amazonas

Durante suas atuações como missionários entre os indígenas amazônicos, os jesuítas Manuel Uriarte (missão de Maynas) e João Daniel (Missão do Grão-Pará) tiveram oportunidade de observar as práticas e analisar as crenças religiosas de seus catecúmenos, registrando-as em suas crônicas. O objetivo desta comunicação é dar visibilidade a essas crenças e práticas religiosas indígenas por meio das representações narrativas que esses jesuítas elaboraram.

Tráfico de escravos ameríndios na Amazônia colonial – Camila Loureiro Dias (camila.dias@usp.br), doutoranda em História na École des Hautes Études en Sciences Sociales

Gostaríamos nessa comunicação de compartilhar alguns indícios levantados no âmbito de uma pesquisa de doutorado a respeito da formação, desenvolvimento e declínio de um comércio de escravos ameríndios na Amazônia, entre os séculos XVII e XVIII. Esses indícios podem ser levantados a partir da confrontação da legislação indigenista portuguesa com as práticas locais, apreendidas em fontes primárias diversas, tais como os próprios textos normativos, relatos, relatórios de viagem e documentação administrativa. Essas práticas comerciais entre ameríndios e europeus desempenharam, durante o período colonial, um papel fundamental no desenvolvimento econômico da região e foram em grande medida responsáveis pela definição de parte das atuais fronteiras do território brasileiro. Por certo foram também responsáveis, assim como o choque epidemiológico, pela desorganização e aniquilamento de várias sociedades autóctones, contribuindo para a formação da atual paisagem física e humana desse espaço que usualmente denominamos Amazônia. O que pretendemos nessa comunicação é apresentar alguns elementos de descrição do seu mecanismo e de sua dinâmica.

Demografia e história indígena dos Asurini do Xingu – Alexandre Robazzini (robazzini@gmail.com), mestrando em Arqueologia e Etnologia na Universidade de São Paulo

Este trabalho analisa como a trajetória histórica específica dos Asurini do Xingu, povo do tronco linguístico Tupi, influenciou sua dinâmica demográfica. As fontes de dados utilizadas para alcançar tal objetivo consistem nas publicações históricas, etnográficas, linguísticas e arqueológicas sobre o referido povo desde o século XIX aos dias atuais. O estudo mostra que os Asurini do Xingu vivenciaram, principalmente a partir de fins dos anos de 1980, um processo de recuperação populacional. Altos níveis de fecundidade contribuíram para a expansão das novas gerações garantindo a sobrevivência física do grupo. Níveis de mortalidade relativamente baixos e estáveis resultaram da melhoria das condições de saúde o que propicia aumento da sobrevivência de crianças, jovens, adultos e idosos, assegurando maior longevidade à população e manutenção de sua organização social.

A autobiografia como elemento na história indígena do Circunroraima: análise da obra 'Ritorno alla maloca' – Marcele Garcia Guerra (marcele@globo.com), mestranda em Direito na Universidade de São Paulo

A definição identitária indígena parte, impulsionada pela Convenção 169/OIT, da autodefinição. A construção histórica destas identidades e as bases de suas tradicionalidades se configuram como elementos centrais para a reivindicação de garantias de proteção, existência e

manutenção dos territórios tradicionalmente ocupados. A história mostra-se central para a caracterização identitária. Considerados tais aspectos e aliando a idéia de autodefinição com a de obra autobiográfica, propõe-se analisar uma obra que narra a trajetória de uma liderança Macuxi no processo de luta pelo território Raposa-Serra do Sol. Publicada no ano de 1972, em italiano, “Ritorno alla maloca” é a autobiografia de Gabriel Viriato Raposo colhida e organizada pelo missionário Silvano Sabatini. Serão trabalhadas duas vertentes de análise da obra: contextualização histórica à época de produção e publicação; e como este texto autobiográfico pode contribuir para a formulação de categorias históricas pela perspectiva indígena.

MESA II – História indígena colonial

Abertura: Artífices indígenas nas capelas coloniais de São Paulo

Glória Kok (kokmartins@uol.com.br) – Pós-doutoranda na Universidade Estadual de Campinas, pesquisadora do Centro de Pesquisa em Etnologia Indígena

Depois da fundação da vila de São Paulo, em 1554, emergiu uma constelação de capelas no planalto paulista. Os “negros da terra” participaram das construções em taipa de pilão, das obras de carpintaria, das talhas, das decorações de portas, janelas e púlpitos, das pinturas dos forros, nichos de sacristia e paredes, da confecção de telhas e tijolos, das esculturas de madeira e da confecção de imagens dos santos. As pequenas capelas favoreceram a expressão e a concentração de manifestações culturais indígenas ao lado de modelos culturais ibéricos. Tal trânsito foi favorecido pela União Ibérica entre 1580 e 1640. Referências dos caminhos do sertão no continente americano, as capelas viabilizaram o florescimento de uma cultura ibero-americana no planalto de São Paulo de Piratininga, que se espalhou para outras regiões da América no século XVII.

De índios a guerreiros reais: a trajetória da aldeia de São Pedro de Cabo Frio, séculos XVII–XIX **– Silene Orlando Ribeiro (silenehistor@uol.com.br), doutoranda em História Social na Universidade de São Paulo**

Esta comunicação propõe uma análise histórica do processo de formação da Aldeia de São Pedro de Cabo Frio, visando reconstruir os significados daquele aldeamento no contexto colonial, partindo do pressuposto de que a função defensiva foi o elemento preponderante da relação mantida entre os índios aldeados, a sociedade envolvente e a Coroa portuguesa entre os séculos XVII e XIX. Articulando estas questões, este trabalho objetiva mostrar as tensões e as conexões originadas entre os vários agentes coloniais e a população aldeada. O que se pretende é mapear o lugar do Aldeamento de São Pedro de Cabo Frio no litoral sul da América portuguesa e como isto repercute entre os vários grupos humanos constituintes da sociedade colonial.

Cartografia da arte rupestre na Estrada Real: itinerários culturais no Campo das Vertentes – **Cristiano Lima Sales (c.limaastronauta@yahoo.com.br), mestrando em História na Universidade Federal de São João del-Rei**

Diante da carência de estudos arqueológicos na região do Campo das Vertentes (Centro-oeste e Sul de Minas Gerais), executamos um mapeamento de sítios locais, caracterizados pela presença da “arte rupestre”, tendo como eixo de pesquisa a rota turística da “Estrada Real”, tendo em vista a importância dos “senderos”, caminhos e rotas antigas na estruturação das sociedades coloniais americanas – vias que teriam uma ancestralidade indígena, apropriadas

pelo colonizador. Concluímos que, com o forte crescimento da atividade turística na região pesquisada, cresce, na mesma medida, a preocupação com o patrimônio arqueológico local – marcos da história indígena americana – ainda carente de estudos científicos e já sendo aproveitado como atrativo turístico.

MESA III – Arqueologia e antropologia das terras baixas da América do Sul

Abertura: Revisitando a categoria caçador-coletor. Os Mura (AM ocidental) e os diálogos interdisciplinares entre a arqueologia e a etnologia

Marta Amoroso (mramoroso@usp.br) – Universidade de São Paulo

Pensar os Mura (rio Madeira, AM) em uma perspectiva que privilegia os temas Natureza e Sociedade nos leva a enfrentar o acervo de imagens que a ciência moderna produziu sobre o homem da Amazônia. A eles se confere imagens de um tipo de vida nômade de “gentio de corso” que constituía ameaça incontornável aos programas coloniais, servindo de contraste às populações Tupi-Guarani, consideradas mais sedentárias e cujas habilidades de agricultores fascinaram desde cedo os funcionários coloniais e missionários. Ao longo do século XIX, a oposição Animalidade/Humanidade foi acionada pelos naturalistas para caracterizar os Mura, como podemos ver em Martius (1823). Quando as pesquisas da etnologia e da arqueologia passaram a refletir de forma mais sistemática sobre as populações amazônicas, no contexto do projeto do Handbook of South American Indians (J. Steward 1948), os Mura voltam à cena como o caso paradigmático do caçador-coletor da Floresta Tropical. A apresentação indaga sobre a validade desta famosa categoria de viés essencialmente interdisciplinar – já que transita entre os campos da arqueologia e da antropologia, tomando como referência os estudos contemporâneos sobre a Amazônia ocidental.

***Manejo ambiental: estudo de caso de feições amazônicas* – Lígia Trombetta Lima (ligiatl@bol.com.br), graduanda em História na Universidade de São Paulo**

Este projeto tem como proposta a melhor compreensão do manejo vegetal por parte dos habitantes da Amazônia Central pré-colombiana, por meio do estudo pontual de duas feições do sítio Laguiño (em Iranduba, AM): manchas de Terra Preta, ricas em vestígios orgânicos e inorgânicos, identificáveis em comparação com o lato solo da região. A comunicação visa apresentar os resultados preliminares de análise das amostras de solo já processadas e conseqüentes direcionamentos quanto às funções destas estruturas e seus contextos de formação. A partir da variedade de materiais arqueológicos encontrados, exploramos a hipótese de que a história pré-colonial da Amazônia central foi caracterizada por intenso e variado manejo ambiental por parte das populações locais.

***Análise dos processos de interação entre os sítios Lago Grande e Oswaldo (AM) com base no material cerâmico* – Guilherme Zdonek Mongeló (mongelo@usp.br), graduando em História na Universidade de São Paulo**

Esse projeto procura estudar o material cerâmico de dois sítios localizados no município de Iranduba no Estado do Amazonas, Lago Grande e Oswaldo. A problemática apresentada é o fato de que foi encontrado em pequena porcentagem material cerâmico de fase distinta às

preponderantes em ambos os sítios. A hipótese que essa comunicação pretende provar é que as esferas de interação, comuns no contexto amazônico, podem explicar a presença de outra fase cerâmica em um sítio que aparentemente é unicomponencial. Através da análise dos dados, até agora, foi constatado que o Lago Grande pode ser um sítio de ocupação multicomponencial, com pelo menos três das quatro fases ceramistas da região, mas com grande predominância de material associado à fase Paredão. A grande quantidade de material Manacapuru no sítio Lago Grande, somada à semelhança no formato de aldeias associadas às duas fases e a contemporaneidade de ocupação entre elas parece indicar para a hipótese lançada.

**Ādjūrōná: percursos simbólicos da trompa Karajá – Pedro Paulo Salles (ppsalles@usp.br),
Universidade de São Paulo**

A presente pesquisa procura realizar uma etnografia de um instrumento sonoro aparentemente extinto nas sociedades Karajá da Ilha do Bananal, no Tocantins, através de seus percursos simbólicos e historiográficos. A Ādjūrōná, também identificada como adžiuraně (por Ehrenreich, em 1894) e ādjūlōná (por Krause, em 1911), um instrumento de sopro, mais exatamente uma trompa transversal, foi relatada e descrita por um reduzido número de exploradores, viajantes, missões e pesquisadores desde o século XVIII até inícios do século XX, cujos relatos trazem poucas pistas sobre suas conexões simbólicas com a cultura dessa etnia. O fato de ter sido um dos poucos instrumentos sonoros dos Karajá aumenta ainda mais nossa certeza de que seu resgate etnográfico intensifica sua importância cultural e justifica o esforço de investigação.

MESA IV – História pré-hispânica e colonial dos Andes Centrais

**Abertura: *The khipu-quilca hypothesis*
Galen Brokaw (brokaw@buffalo.edu) – University at Buffalo**

Given the lack of archaeological evidence, it is difficult to trace the evolution of the khipu with any degree of certainty. Nevertheless, there appears to be a continuity between many early semiotic practices and the relatively ubiquitous khipu system in use at the time of the conquest. The general absence of the khipu from the archaeological record prior to the Wari and Inca periods suggests that it did not always play such a prominent role in Andean societies. As noted above, even after the emergence of the khipu as an ubiquitous device during the Inca empire, the norm seems to have been a multi-media context in which the secondary semiosis of social, economic, and political interaction took place through various media: architecture, sculpture, painting, as well as textiles. And several if not all of these various media appear to have been informed in one way or another by the same or very similar semiotic principles. The emergence of the khipu in the archaeological record of the Wari period suggests that it was then that this medium of colored, knotted cords began playing a more prominent role that would eventually culminate in its ubiquity in the Inca empire. Most of the known Wari khipu are very different from the later Inca tradition in that the colored wrappings ostensibly convey the majority of the information. The most intriguing possibility suggested by these wrapped khipu is that they participate in a semiotic tradition referred to by the Quechua term quilca, “papel carta, o escriptura” [paper letter, or writing]; and definitions of other derivative versions of this term include “to draw or paint” This paper examines this issue informed by a comprehensive review of archaeological evidence and textual references from colonial chronicles.

Considerações sobre a questão indígena no vice-reino do Peru: José de Acosta e Francisco de Toledo – Victor Santos Vigneron de La Jousselandiere (victor.jousselandiere@usp.br),
mestrando em História Social na Universidade de São Paulo

O papel desempenhado pelas populações indígenas nos contextos coloniais foi objeto de importantes disputas. Diversos autores, vinculados a espaços institucionais específicos, reivindicavam posicionamentos variados com relação ao tema. Visto isso, este trabalho tem por objetivo refletir acerca de um determinado grupo de autores que lidaram com a questão indígena no vice-reino do Peru no último quarto do século XVI. Trata-se de duas figuras de suma importância para a definição da política a ser adotada na região com relação aos índios: o jesuíta José de Acosta e o vice-rei Francisco de Toledo. Embora suas trajetórias sejam distintas e em alguns momentos até conflitantes, é possível identificar uma convergência de fundo entre suas propostas, juridicamente cristalizadas nos decretos do III Concílio Provincial de Lima (1582-83) e nas disposições promulgadas por Toledo. A partir, portanto, da análise dessas personagens privilegiadas, a presente pesquisa procura discutir um determinado projeto de sociedade, marcado pela cisão entre as categorias jurídicas “índio” e “espanhol”. Tal fato teria, inclusive, profundas repercussões na historiografia peruanista.

O processo de negociação de privilégios proposta pela elite incaica na ‘Ynstruçion Del Ynga Don Diego de Castro Titu Cussi Yupangui Para El Muy Ilustre Señor El Liçenciado Lope Garcia de Castro’ – Pedro Paulo Uras (ppuadv@terra.com.br), graduado em História pela Universidade de São Paulo e em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

A fonte analisada é uma instrução apresentada pelo nobre inca Titu Cussi Yupangui ao governador do Peru, Lope Garcia de Castro, em 1570, com a outorga de uma procuração para o exercício do direito de petição com amplos poderes ao mesmo, com o intuito de negociar mercês com o Rei Felipe II da Espanha. O contexto de produção da obra é marcado por conflitos e disputas entre as linhagens sucessoras dos soberanos incas Huayna Capac e, depois, Manco Inca, além das confrontações entre os conquistadores espanhóis, encomenderos, as autoridades coloniais e seus aliados indígenas, ademais de rebeliões contra a presença espanhola nos Andes. Buscaremos, com o presente trabalho, identificar os elementos inseridos pelo autor para estabelecer uma via de comunicação e negociação com as autoridades espanholas, não obstante as dificuldades inerentes às formas de transmissão de informação e conhecimento entre os mesmos, com o objetivo de concessão de privilégios, para que possamos investigar as razões e as demandas político-ideológicas que fizeram com que o autor conduzisse a narrativa dessa maneira.

A extirpação das idolatrias no arcebispado de Lima do século XVII – Carolina de Oliveira Beltramini (cabeltram88@hotmail.com), graduanda em História na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

A extirpação das idolatrias, no Arcebispado de Lima, foi algo freqüente do final do século XVI até o XVIII. Perceber o que era e o que não era pagão para ser extirpado tornou-se uma obsessão por parte dos conquistadores. Pablo José Arriaga, cronista que será analisado neste trabalho, é um dos principais extirpadores do século XVII. A idolatria tem múltiplos significados e aqui pretendemos abarcar alguns deles, para que fique mais compreensível a análise da crônica proposta. Serge Gruzinski, por exemplo, considera as idolatrias, não somente como um embate entre duas religiões distintas, mas também como um processo cultural amplo, que retrata não só o religioso, mas também o cotidiano, o político, a ética e a moral. Para que a análise seja possível, utilizaremos dos métodos propostos pela História Cultural. Trabalharemos com a alteridade, o imaginário e as formas de representação que foram objetos fundamentais nas crônicas, tanto quando foram construídas, assim como quando foram analisadas.

A 'Nueva Corónica y buen gobierno', de Guamán Poma de Ayala: uma proposta de ordenação colonial nativa? – Eduardo Tomasevicius Filho (tomasevicius@usp.br), Universidade de São Paulo

A comunicação versa sobre a obra *Nueva Corónica y Buen Gobierno*, manuscrita entre 1585 e 1615 por Guamán Poma de Ayala, a qual teria sido elaborada para chegar ao conhecimento do Rei D. Felipe III e que, contudo, permaneceu desconhecida de todos até 1908. Em mais de mil páginas – ilustradas com dezenas de gravuras – o autor conta na primeira parte da obra a história dos povos andinos, europeus e africanos desde o início do mundo. Na segunda parte, Guamán Poma, a partir da dicotomia entre virtudes e vícios, analisa minuciosamente os principais personagens da administração colonial espanhola. Ao final, Guamán Poma simula um diálogo com o Rei, por meio do qual este lhe pede conselhos para a correção dos rumos do vice-reino do Peru. O objetivo da comunicação é o de demonstrar que este manuscrito é, entre outras coisas, um verdadeiro projeto normativo elaborado por Guamán Poma enviado ao Rei D. Felipe III, com o intuito de aprimoramento do ordenamento jurídico colonial, que se revelava ineficaz e instável durante os séculos XVI e XVII no vice-reino do Peru.

MESA V – Arqueologia e cosmovisão andina

Abertura: *Cognizing and marking the Andean landscape: ushnus, apachetas, sayhuas and wankas*

Colin McEwan (cmcewan@thebritishmuseum.ac.uk) – The British Museum

Two folio pages in the recently published Galvin manuscript portray a high montane landscape dissected by roads around which are arrayed cultural features broadly identified as 'apachetas'. This paper reports the results of field studies around the Ayacucho Basin and Huanco Sancos respectively that reveal a larger range of cultural constructions than hitherto suspected, including ushnu platforms, apachetas, sayhuas and wankas. The systematic description and classification of these structures offers insights into their role in appropriating and marking the high puna landscape, especially within the context of Inca imperial expansion.

***Semiótica aplicada à Arqueologia. Um estudo de caso na área andina* – Cássia Rodrigues Bars (cassiabars@usp.br), doutoranda em Arqueologia na Universidade de São Paulo e bolsista da CAPES**

Nesta comunicação, será apresentado um estudo de caso relacionado à análise de um artefato mochica, cuja composição escultórica serve de base para uma iconografia complexa, intimamente ligada aos conceitos que formam a base da cosmovisão andina. Será também ressaltada, através desta breve análise, a importância do método semiótico para a construção de conhecimento em arqueologia.

***Música, morte e transcendência no período Intermediário Inicial andino* – Daniela La Chioma Silvestre (danilachioma@gmail.com), mestranda em Arqueologia na Universidade de São Paulo**

O período Intermediário Inicial (100 a.C. – 600 d.C.) se caracterizou pelo exercício de poderes políticos bastante estruturados nas áreas central e costeira da região andina, territórios marcados pela presença numerosa de centros cerimoniais e domínios políticos, sustentados

pela agricultura de irrigação, de forte influência no cotidiano religioso das comunidades ao seu redor. As representações iconográficas presentes na cerâmica ritual arqueológica de duas das regiões mais conhecidas daquele período, Mochica e Nasca, apresentam referências constantes às antaras, instrumentos musicais aerófonos de antiguidade bem documentada nos Andes, que remontam ao período Arcaico. A maior parte dessas evidências faz referência a seres do mundo sobrenatural, mortos e divindades na utilização e interpretação destes instrumentos, apontando para uma relação destas flautas com a morte, o nascimento e a transcendência. Esse trabalho tem o objetivo de demonstrar que as representações das antaras na cerâmica ritual arqueológica podem elucidar aspectos de sua função e simbologia nos contextos estudados e, assim, contribuir para a discussão sobre o papel dos antaristas na organização social andina.

Organização sócio-espacial e reflexos na cosmovisão: o caso dos mapuches na região da Araucanía, Chile – Fábio Márcio Alkmin (fabiogeo@usp.br) e Fernando Pereira dos Santos e Silva, graduandos em Geografia na Universidade de São Paulo

O espaço geográfico, síntese material da relação histórica entre determinada sociedade e a natureza, projeta-se ao mesmo tempo como condição, meio e produto para a reprodução – econômica, social e cultural – da sociedade ali inserida. Em outras palavras, a maneira como a sociedade se organiza em determinado território irá influenciar sua maneira de produzir seus meios de perpetuação, de distribuir o fruto desta produção e mesmo de conceber e interpretar o mundo. Baseando-se nesta premissa, buscamos verificar as relações entre as respectivas organizações sócio-espaciais dos mapuche e os conseguintes reflexos em sua cosmovisão. Analisaremos a região da Araucanía (Chile), território ancestral mapuche, focando nossa atenção nos diferentes tipos de organização espaciais ali desenvolvidas ao longo da história. Numa primeira aproximação, periodizamos da seguinte maneira: 1) Período pré-hispânico (? - 1550); 2) Período de colonização (1550-1883); 3) Período pós-reducional (1883-atual). A partir disso, buscaremos relações destas mudanças estruturais com mudanças na cosmovisão, entendendo esta categoria como a maneira de interpretar e explicar o mundo.

MESA VI – Literatura e patrimônio indígenas

Abertura: Traduções de ‘O Manuscrito de Huarochirí’: poesia e testamento

Sérgio Medeiros (panambi@matrix.com.br) – Universidade Federal de Santa Catarina

Comparável aos grandes textos clássicos que definem civilizações, como o *Popol Vuh* mesoamericano, o livro andino colonial *O Manuscrito de Huarochirí* reúne mitos, crenças e rituais indígenas do Peru, tendo sido escrito, na versão que se conhece hoje, em língua quéchua. Segundo o escritor e antropólogo José María Arguedas, que o traduziu ao espanhol, "es el único texto quechua popular conocido de los siglos XVI y XVII y el único que ofrece un cuadro completo, coherente, de la mitología, de los ritos y de la sociedad en una provincia del Perú antiguo". No fecho do livro, o texto aborda um tema importante no Continente: a distribuição dos mananciais e o consumo da água. Pretende-se discutir não apenas a tradução de Arguedas, mas também a de Gerald Taylor para o francês e a de Frank Salomon e George L. Urioste para o inglês, a fim de se estabelecer um possível modelo que permita orientar a tradução para o português desse clássico latino-americano, nunca traduzido para a nossa língua. Esse modelo, uma vez proposto em suas linhas gerais, será comparado ao modelo adotado na versão brasileira do *Popol Vuh*, publicada em versos e em edição bilíngue em 2007.

A pesquisa e a extensão na exposição ‘O Índio e a Arqueologia no Museu’ – Simone Teixeira (simonne@uenf.br), Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro e Edlane da

Cruz da Silva Coutinho (graduada em História pela Universidade Salgado de Oliveira), Talita Vieira Barros (graduada em Comunicação Social e Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro), Hully Guedes Falcão, Larissa Martins Corrêa, Rafael Paes da Silva de Souza e Jânio de Oliveira Silva Júnior, graduandos em Ciências Sociais na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

Esta comunicação se propõe a relatar a experiência da Oficina de Estudos do Patrimônio Cultural do Laboratório de Estudos do Espaço Antrópico/LEEA/UENF, na organização de uma exposição como parte de um projeto de extensão. A exposição *O Índio e a Arqueologia no Museu* buscou disseminar junto à comunidade local e, sobretudo, aos estudantes e professores da rede de ensino (pública e privada), os conhecimentos produzidos na Universidade sobre a História Indígena regional. A região em questão inclui o Norte e o Noroeste Fluminense, tendo como eixo vertebrador o rio Paraíba do Sul. Os povos indígenas que aqui habitaram (Goitacá, Puri, Coropó e Coroado) desapareceram completamente desta região ao longo do processo de colonização. Resgatar este passado para devolver à comunidade este fragmento de sua história tem sido possível graças à pesquisa levada a cabo, também pela Oficina, que tem como base o cotejamento dos dados arqueológicos e etno-históricos sobre esta região.

Transformações dinâmicas da cultura (i)material: o artesanato no estudo de caso da aldeia indígena do Krukutu – Gabriela Prestes Carneiro (gabriela.carneiro@usp.br), graduanda em História na Universidade de São Paulo

O artesanato, nas comunidades indígenas, é prática de suma importância para a reprodução material e imaterial, em que se revelam os vínculos estabelecidos com a Natureza, bem como para as mediações construídas com a sociedade nacional, incorporando, para além do seu uso em suas práticas coletivas, a dimensão de mercadoria. Assim, nesta comunicação, com base em entrevistas realizadas em pesquisas de campo e em diálogo bibliográfico, pretendemos discutir o significado do artesanato indígena produzido na Aldeia do Krukutu (distrito de Parelheiros, São Paulo, formada a partir dos indígenas Guarani Mbyá) e suas implicações no modo de vida e história desta comunidade. Para tanto, daremos relevo ao surgimento da Associação Indígena “Nhe´e Porá” e seu papel na transformação da dinâmica de comercialização do artesanato, bem como a intermediação com as entidades atuantes na localidade. Esta pesquisa está vinculada ao projeto “Geografia da oralidade – Uma recuperação da história oral de populações tradicionais no estado de São Paulo”.

As fontes históricas nativas de Cristóbal del Castillo e Fernando de Alva Ixtlilxochitl e sua relação com a ‘Historia de la conquista de México’, de Don Antonio de Solís – Deolinda de Jesus Freire (deofreire@uol.com.br), Universidade Federal do Triângulo Mineiro

A proposta desta comunicação é realizar uma leitura da *Historia de la conquista de México*, de Solís, à luz das histórias nativas coloniais *Historia de la venida de los mexicanos y de otros pueblos* e *Historia de la conquista*, de Del Castillo, e *Historia de la nación chichimeca*, de Alva Ixtlilxochitl. Pretende-se destacar três eixos principais de comparação: o primeiro refere-se ao providencialismo com que se narra a conquista do México, pois a chegada de Cortés é narrada como um desígnio divino; o segundo eixo seria a própria figura do conquistador, afinal suas ações são louváveis; o último refere-se ao episódio “La noche triste”, quando os mexicas sitiaram e venceram os espanhóis no lago Tezcoco, que se retiraram para Tlaxcala. O objetivo principal das relações não é o de buscar a verdade dos fatos, mas sim delinear algumas possibilidades de leitura dos motivos de produção de cada obra, bem como do compromisso de cada cronista com sua época no que se refere ao contexto político.

MESA VII – Códices e escritos mesoamericanos

Abertura: *Uma revisão da relação entre os códices Telleriano Remensis e Vaticano A*
Gláucia Cristiani Montoro (glauciamontoro@uol.com.br) – Pós-doutoranda na Universidade Federal Fluminense

Os códices *Telleriano Remensis* e *Vaticano A* são manuscritos híbridos de tradição indígena da região central do México, confeccionados em meados do século XVI. São compostos por pictografias e textos em caracteres latinos. As similaridades entre os dois são conhecidas desde o século XIX, porém, ainda hoje existem divergências sobre a natureza dessa relação. Há dúvidas sobre se o *Vaticano A* é uma cópia do *Telleriano* ou se ambos derivam de um terceiro exemplar, hoje perdido. Neste trabalho, apresentaremos alguns argumentos em favor do *Telleriano* como o documento primário, partindo de análises comparativas entre os tlacuilos (pintores/ escribas), os anotadores e a organização material de ambos manuscritos.

Representações e funções de Chicomoztoc, o lugar das sete cavernas, na 'Historia tolteca-chichimeca' – Carla de Jesus Carbone (carla.carbone@usp.br), mestranda em História Social na Universidade de São Paulo

Chicomoztoc, o lugar das sete cavernas, é um local recorrente nas narrativas históricas nahuas coloniais que tratam da saída dos grupos de um lugar primordial e sua posterior migração, que culmina na fundação de seu *altepetl*. A passagem por Chicomoztoc provocaria transformações nos povos migrantes e seria assim um elemento de coesão política e étnica importante para os nahuas. O objetivo central dessa comunicação é analisar as representações e funções de Chicomoztoc na *Historia tolteca-chichimeca*, manuscrito composto por pictografia e texto alfabético, em nahuatl, que tinha como objetivo servir de argumento histórico em uma demanda por terras que os senhores de Cuauhtinchan, Puebla, travavam contra os senhores de Tepeyaca ante a Real Audiencia, entre os anos de 1546 e 1547.

Concepções de história dos mexicas: códices Aubin, Boturini e Mendoza – Eduardo Henrique Gorobets Martins (eduardo.henrique.martins@usp.br), graduando em História na Universidade de São Paulo

Quais eram as concepções de história dos mexicas? Habitantes do Altiplano Central mexicano entre os séculos XIV e XVI, os mexicas produziram manuscritos com caráter histórico (chamados *xihuahmatl*) no período pré-hispânico e colonial, além de outros gêneros. Nossa proposta de investigação se pauta pela compreensão dos conteúdos e das formas com que esse povo registrava sua história e quais idéias e elementos estavam presentes nesses registros. Para isso, utilizaremos três códices coloniais (um pictoglífico, o *Boturini*, um híbrido, o *Aubin*, e um alfabético, o *Mendoza*) como fontes documentais e uma seleção de quinze obras historiográficas tratando dos próprios códices e de temas diretamente correlacionados à pesquisa, como questões teóricas referentes à escrita pictoglífica e à história. Os códices serão analisados comparativamente partindo de três elementos presentes nas três fontes: o tempo, o espaço e as personagens. Tencionamos estabelecer uma espécie de 'mapeamento' de concepções históricas que podem ser inferidas por meio das fontes documentais citadas, o que será feito sempre em diálogo com as obras historiográficas.

A participação dos estudantes mexicas na celebração de Ochpaniztli – Adriana Araujo Madeira (driam@usp.br), mestranda em Arqueologia na Universidade de São Paulo

Este trabalho propõe analisar a relação dos jovens estudantes mexicas com a festa de Ochpaniztli. Na estrutura do calendário solar, diversas responsabilidades rituais estavam relacionadas com diferentes cerimônias e distintos grupos sociais se revezavam no cumprimento destas funções. As vintenas se relacionavam com divindades criadoras e guerreiras, com os deuses da terra, do fogo e do infra-mundo. Além disso, estavam ligadas às estações do ano, aos fenômenos astronômicos, aos ciclos agrícolas como também à atividades técnicas e sociais. Escolhemos trabalhar com a décima primeira vintena, chamada Ochpaniztli, por apresentar importante cerimônia vinculada à participação dos jovens guerreiros. Ao mesmo tempo, Ochpaniztli costuma ser traduzida por *barrimiento* (varredura), sendo a festa/vintena também dedicada à realização de trabalhos comunitários, como a construção de pontes, calçadas e a limpeza de templos e de edifícios, atividades para as quais, em geral, eram recrutados os estudantes das escolas oficiais.

O Popol Vuh e a concepção de 'humano' para os maias das terras altas – Joyce Pinto Almeida Carvalho (joycedotinha@hotmail.com), mestranda em História Social na Universidade de São Paulo

Este trabalho tem como objetivo central o estudo de como os maias das terras altas enxergaram o próprio homem maia, sua origem e sua função no cosmos, no momento do encontro com a cultura europeia, nos séculos XVI e XVII, momento no qual foi produzida a fonte que usaremos. Trata-se de uma fonte histórica nativa colonial em escrita alfabética, onde são narrados os mitos de criação dos maias da região da Guatemala, além de sua última parte contar o início da história dos quichés e seu predomínio na região. Pela análise desse livro, percebemos que o homem é visto como um mantenedor da ordem do universo, que é a criatura mais importante depois dos deuses, que homens e deuses se mantêm numa relação de dependência. Contudo é necessária certa cautela com tal fonte, já que a mesma foi produzida no período colonial, dessa forma pretendemos ainda, brevemente, pensar até que ponto as explicações maias desse período são influenciadas pela chegada dos espanhóis e pelos interesses das elites maias.

MESA VIII – Arqueologia da Mesoamérica

Abertura: As rotas do jade na Mesoamérica e o comércio de longa distância em Teotihuacan, México

Leila Maria França (lefranca@usp.br) – Pós-doutoranda na Universidade de São Paulo

Artigo dos mais preciosos na Mesoamérica, o jade e seus similares – as pedras verdes – tiveram um papel preponderante nas relações comerciais, além de uma importância decisiva na manutenção das elites, dos cultos públicos e do poder estatal em Teotihuacan, bem como em diversas sociedades dentro dessa área cultural. Os caminhos por onde passavam esses materiais era, provavelmente, o mesmo usado para o comércio de outros bens de luxo, responsáveis pelo fluxo de bens e idéias que levaram Teotihuacan ao seu auge. As possíveis rotas de comércio e o

seu controle, assim como as consequências sociais e políticas resultantes desse comércio de bens de luxo para a idade de Teotihuacan são os temas que estão sendo investigados, sobre os quais trataremos em nossa participação nessa edição do Colóquio.

Aproximação ao estudo iconográfico do sarcófago do rei Pacal de Palenque – Fernando Dantas Marques Pesce (fernandopesce@gmail.com), graduando em História na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Esta proposta de comunicação tem por objetivo expor resultados da pesquisa de Iniciação Científica ainda em andamento. Dos resultados obtidos até o momento, será apresentada uma contextualização da história política de Palenque e da construção do Templo das Inscrições, onde se encontra a tumba do rei e, dentro do âmbito específico do sarcófago, será discutida a iconografia nele encontrada, se concentrando em pontos específicos, como a presença da Insígnia Quadripartida, do Pássaro Celestial e da própria figura do Rei Pacal. Em suma, esta exposição visa relacionar os elementos identificados no sarcófago de Pacal com mitos e práticas extremamente difundidos dentro da cultura maia, especificamente os mitos de criação encontrados no Popol Vuh e a prática da sangria como oferenda aos deuses, propondo uma idéia de interpretação ao discurso que Pacal faz através de seu sarcófago.

Teotihuacán: el Egipto de América. La arqueología como parte del discurso nacionalista durante la celebración del Centenario de la Independencia, 1907-1910 – María del Rocío Ramírez Sámano (rasamaro@hotmail.com), doctoranda em História na Universidad Nacional Autónoma de México

Durante la celebración del Centenario de la Independencia, el gobierno de Porfirio Díaz llevó a cabo varios festejos, en los cuales mostró al mundo la modernidad y el progreso de la pujante nación mexicana. Dentro de estos festejos se inauguró la zona arqueológica de Teotihuacán, la primera del país. ¿A qué necesidades respondía la creación de esta zona? ¿Qué situación se generó entre los habitantes de los alrededores de esta zona ante la continua llegada de turistas? El objetivo de mi ponencia es responder a estas dos preguntas, pues durante el Porfiriato, la disciplina arqueológica adquirió gran relevancia, pues a partir de ella se generaban los parámetros de civilización y progreso de los países, y Teotihuacán era la mejor muestra del progreso y civilización del país.

MESA IX – O índio, a etnicidade, a educação e a sociedade nacional

Abertura: Identidades culturales y étnicas en la América indígena
Federico Navarrete Linares (fnavarrete2003@mac.com)– Universidad Nacional Autónoma de México

En los últimos años la antropología y la historia de los pueblos amerindios ha mostrado la manera compleja en que estas sociedades construían y modificaban sus identidades culturales y étnicas, a partir de narraciones históricas, intercambios rituales y comerciales, guerras e incluso prácticas antropofágicas. Entender de manera más compleja las características y dinámicas de la etnicidad indígena ha permitido también comprender mejor su interacción con los imperios europeos y con los estados-nación que los sucedieron. En esta conferencia presentaré un panorama general de las dinámicas de conformación de las identidades en Mesoamérica, comparándolas con las de la zona andina y la Amazonía, para intentar elucidar su compleja historia antes y después de la conquista española.

As imagens da migração: representação visual da cultura aimará e quéchua – Willians de Jesus Santos (england.saopaulo@hotmail.com), graduando em Ciências Sociais na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Esta pesquisa, em andamento, é a análise iconográfica e interpretativa de símbolos dos migrantes aimará e quéchua em fotos da festa comemorativa dos 50 anos de imigração de bolivianos para o Brasil, realizada no ano de 2007 e presentes na *Revista 50 anos. Imigração Boliviana em São Paulo: 1957 – 2007*. As festas são momentos em que se realizam rituais de veneração a deuses, reiteram-se tradições musicais e corporais, afirmam-se identidades regionais e diferenças socioeconômicas. É o espaço em que há a oportunidade de encontro com práticas, idéias e símbolos da região e da cultura de origem, no caso, estabelecido através da linguagem musical e gestual e mediado por grupos folclóricos. Por sua vez, a imagem fotográfica é um símbolo que possibilita a experiência do olhar ao observador, é um material visual e meio de comunicação com a finalidade de informar e, nesse sentido, perspectiva, registro e documento visual, o qual, fornece testemunha de certo acontecimento histórico. Como linguagem que dá significância, observamos, nos componentes imagéticos, uma retórica singular da presença andina na cidade.

Educação pela pedra: xamanismo, memória e história da educação indígena na aldeia do Uiramutã, terra indígena Raposa/Serra do Sol, Roraima – Bruno Martins Moraes (brmmoraes@gmail.com), graduando em Direito na Universidade de São Paulo

Como parte de um estudo ainda mais abrangente sobre a história dos Direitos Indígenas na Raposa Serra do Sol, este artigo pretende traçar através das narrativas orais o itinerário da afirmação de uma educação diferenciada para os povos do Circunroraíma. Realizadas em campo como parte do trabalho etnográfico, entrevistas com às lideranças envolvidas na construção da escola estadual Julio Pereira, na aldeia do Uiramutã, trazem à baila uma memória étnica em que se misturam mitologias de serem encantados em pedras, relações intersociais, burocracias, luta social, cosmologia e xamanismo. Num percurso de uma historiografia indígena pautada na memória, o método leva o mérito de possibilitar a concepção das categorias históricas sob a perspectiva indígena, aproximando o itinerário da afirmação do direito a educação à expressão da consciência histórica de uma identidade étnica.

Leituras do Popol Vuh: uma experiência acadêmica – Rita de Cássia Lana (lanarc@ufscar.br), Universidade Federal de São Carlos

Pretende-se apresentar uma avaliação crítica da experiência de inserção de conteúdos filosófico-históricos relacionados às cosmologias mesoamericanas, em atividades acadêmicas que ocorreram por três semestres na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2004-2005). As atividades, inseridas no contexto da formação de caráter humanístico que a instituição oferece aos acadêmicos, objetivava oferecer um espaço de reflexão sobre a alteridade, tolerância e visões de mundo não-ocidentais. Assim, as atividades acadêmicas denominadas “Práticas de formação – Leituras dos mitos maias e astecas” configuraram-se em oportunidade de abrir discussões sobre as formas de vida e a cultura de populações indígenas mesoamericanas. Buscou-se, pois, investigar as peculiaridades do pensamento destas etnias por meio de expressões literárias que refletissem e valorizassem a sofisticação das elaborações narrativas indígenas; também se objetivou questionar uma visão caricatural, que reforça estereótipos, dificultando uma compreensão mais adequada das características culturais e da trajetória histórica destas populações.